



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Escrita, orientação e tempo: bordando afetos nas dinâmicas acadêmicas

Writing, mentorship, and time: weaving affection into academic dynamics

Caroline dos Santos Pereira¹

Diniz, Debora. **Carta de uma orientadora**: sobre pesquisa e escrita acadêmica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

Estava com um prazo apertando o peito quando o livro chegou. Tinha um artigo para submeter. Um artigo muito especial que acreditei-desacreditando. O texto estava pronto, revisado, editado e formatado, me faltava coragem. Coragem e confiança que o trabalho estava bom para então abrir o site da revista e enviá-lo. Corri, abri o livro e sentei na escada: folheando, busquei trechos, voltei, retomei e comecei o prefácio. Li como quem busca um abraço. E encontrei
(*Trecho diário pessoal*, 22 de Agosto de 2024).

O livro, carinhosamente apelidado de 'livro vermelho' pelas leitoras, é apresentado no formato de carta, como uma conselheira que, com empatia, antecipa as possíveis dificuldades e melhores caminhos para quem está começando na vida acadêmica. A carta, como Debora Diniz define, é um gênero que “combina fatos, emoções e segredos”. Ela compartilha suas reflexões sobre o processo de escrever e as expectativas envolvidas nesse caminho. Ao reescrever o livro com mesmo nome, agora apresentado em uma nova forma, o novo livro busca se relacionar com os aprendizados das banquinhas *online*, com milhares de participantes e também com as dúvidas de suas orientandas. Desta forma, Debora Diniz nos ensina as regras subentendidas, os não ditos da vida acadêmica: os pressupostos acadêmicos.

¹ Doutoranda em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - ENSP, da Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz. ORCID: [0000-0003-3343-1440](https://orcid.org/0000-0003-3343-1440) - E-mail: caroline.spereira@hotmail.com.



Escrita, orientação e tempo: bordando afetos nas dinâmicas acadêmicas

Caroline dos Santos Pereira

Debora Diniz, antropóloga e documentarista, transita entre as áreas das Ciências Humanas com uma agenda que trabalha aborto legal, zika e direitos reprodutivos de mulheres. Além disso, possui uma longa trajetória como professora universitária e orientadora. Em seu *Instagram* ([@debora_d_diniz](#)) e no canal do *YouTube* da Anis, reúne encontros de cursos sobre escrita e percursos acadêmicos oferecidos durante os anos da pandemia e o último curso que ocorreu em 2024 sobre este livro.

Ao longo do texto, são abordadas as inseguranças e dúvidas comuns no início da jornada acadêmica. A autora percorre temas centrais como orientação, tempo e escrita. Outros tópicos são abordados com cuidado, como o problema de pesquisa, a organização e o uso de ferramentas digitais. Contudo, nesta resenha, exploraremos principalmente o que identificamos como os eixos centrais do livro.

A orientadora é retratada como alguém que escuta ideias, edita textos e acompanha de perto o progresso da orientanda. A preparação para o primeiro encontro com a orientadora inclui a análise da agenda de pesquisa, a exploração do *Lattes* das possíveis orientadoras e o estudo prévio do tema, área de atuação, preferências metodológicas e teóricas.

O primeiro encontro entre orientadora e orientanda é tratado com a importância das escolhas iniciais, como o título funcional e o problema de pesquisa. Com uma linguagem simples, Debora Diniz explora a importância de conhecer a metodologia científica e o uso das ferramentas de inteligência artificial, como tradutores de textos e modelos de cartas de apresentação. Ela também destaca o valor das bibliotecas virtuais para consolidar o problema de pesquisa.

Ademais, a questão da viabilidade do problema de pesquisa e a construção de um título funcional são apresentadas como pontos de partida essenciais. A autora sugere uma fórmula para a construção do problema de pesquisa, enfatizando a importância das palavras-chave, do verbo, da variável e da temporalidade para garantir que o problema tenha uma sustentação sólida.

Cabe ressaltar também as reflexões sobre o não aprender a orientar. A orientadora parte de um lugar de sensibilidade, baseado na própria experiência de quem



Escrita, orientação e tempo: bordando afetos nas dinâmicas acadêmicas

Caroline dos Santos Pereira

já orientou. Ela escuta, acompanha e apoia. Ao tratar do tempo, ela chama atenção para a precisão ao afirmar que *Atenção! Seu texto não será perfeito*. Coloque os dois pés no chão, olhe para a agenda e faça o que puder para sentar no computador e escrever. Assim, ela compartilha um poder, dissipando as hierarquias entre quem já conhece as regras do jogo e aqueles que ainda cometem erros, que são normais e preestabelecidos na academia.

A escrita, por sua vez, vai se desenvolvendo ao longo do tempo. Embora não se torne mais fácil, a experiência desempenha um papel crucial. Escrever tranquilamente, por exemplo, exige rituais que se tornam mais frequentes à medida que se amadurece no processo de escrita. E não tem como amadurecer se não fazendo, escrevendo. O ato de se fazer autora não acontece apenas nos anos de doutorado, mas também nos exercícios de escrita durante a graduação e pós-graduação.

A alegoria do bordado, mencionada em vários momentos, simboliza o trabalho manual, estético e detalhista, frequentemente associado ao feminino. A escrita é tratada como uma prática transversal, abordada ao longo de todos os capítulos do livro.

No capítulo *O bordado (im)perfeito*, aborda as inseguranças da escrita e a angústia causada pela busca irreal da perfeição. Ela reflete sobre o medo de cometer erros, mas também sobre a necessidade de não cair na síndrome da impostora, que limita e impede a realização de qualquer trabalho. A perfeição na escrita é impossível, e entender que o trabalho acadêmico, por mais rigoroso que seja, sempre será imperfeito faz parte do processo.

A autora nos apresenta os “caderninhos”: vaga-lumes, canteiros de obras, diários de campo: cadernos que guardam fragmentos de memórias. A escrita à mão é defendida como um treino e aprendizado, um exercício de resistência à dependência de ferramentas digitais. Esses momentos de anotação e leitura são essenciais para processar ideias e formar uma base sólida para os escritos futuros.

A construção de uma autora é um processo interno e contínuo, que, muitas vezes, parece distante no início da jornada acadêmica. “Não repita minha fantasia de grandiosidade do passado sobre ‘escritoras sendo as outras’; seja mais terna com você



Escrita, orientação e tempo: bordando afetos nas dinâmicas acadêmicas

Caroline dos Santos Pereira

mesma”, aconselha Diniz (2024, p. 25). No capítulo *Espelho da Impostora* aborda os sentimentos de fraude e a sensação de não pertencimento no meio acadêmico. Ela trata, de forma interdisciplinar, de sua própria história na academia, refletindo sobre as incongruências dos campos pelos quais percorreu. Ao compartilhar sua trajetória, ela permite que a leitora se identifique e até reconheça semelhanças com sua própria jornada. Escrever esse livro, portanto, não é apenas uma reflexão acadêmica, mas também um movimento pessoal, uma busca por dar sentido à falta de definições para nomear a categoria do livro e ao próprio espaço que ele ocupa. Lê-lo também. Isso expõe as contradições da academia e os percalços vividos cotidianamente, muitas vezes sem saber nomear as dores.

Debora Diniz nos abraça nas palavras e nos ajuda a entender que a jornada acadêmica não precisa ser solitária. Ela questiona a ideia de genialidade e aborda a solidão ainda presente no meio acadêmico, propondo um enfrentamento coletivo. A escrita, que exige disciplina, também exige priorização, pois o trabalho acadêmico pode desgastar, mas também pode ser fonte de realização.

Em síntese, podemos afirmar que a pesquisa pode ser leve se houver planejamento e uma rede de colaborações que se constrói à medida que o próprio problema de pesquisa vai se delineando. Com a habilidade de orientar e também acalmar, ajudando a silenciar os pensamentos ansiosos, a autora abre portas da academia para milhares de mulheres e outras pessoas que ao se perceber escritoras e merecedoras, quando de fato o são, agora integradas cientificamente.

Referências

Diniz, Debora. **Carta de uma orientadora**: sobre pesquisa e escrita acadêmicas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.